

A FRASE

RUBEM BRAGA

«Toda pessoa natural ou jurídica é responsável pela segurança nacional.»

Eu gostaria de saber qual foi o crânio da Escola Superior de Guerra que bolou essa frase gloriosa. Imagino como o seu autor deve ter ficado contente consigo mesmo, lido e relido em voz alta a própria frase, encantado com o próprio gênio. Com certeza pensou ter descoberto a fórmula preciosa e definitiva de salvação da Pátria — e se pôs a imaginar que talvez, quem sabe, ela será traduzida para todos os idiomas e fará lei em todas as nações do mundo.

Isso não teria nenhuma importância — há por aí muito sujeito que fica bôbo com alguma coisa que ele mesmo escreve ou diz. E a repete incansavelmente, sem outro dano que o de aborrecer os amigos e ouvintes. A grande frase seria em si mesma inofensiva, como um truismo ou uma tolice a mais.

O que é grave, no caso, é que essa bobagem virou artigo primeiro de uma lei — a lei de Segurança Nacional, que nos outros artigos comina fartas penas de detenção e reclusão a qualquer pessoa (jurídica ou natural) que por ação ou omissão pecar contra essa famosa segurança nacional, que só é definida por meio de tautologias e vagalhões amplas onde cabemos todos, eu, o leitor, o Clube de Regatas do Flamengo e o boquete da esquina.

Não é à toa que o presidente Castelo Branco escondeu esse monstro, gerado na escuridão da ESG, até o fim de seu governo. Trata-se de um feto maroto e vergonhoso, que foi dado à luz no apagar das luzes.

O jornal diz que o marechal Costa e Silva não quer que se toque, por ora, nessa lei. Seus amigos dizem que não há nada; é verdade que a lei é ruim, mas acontece que o marechal é bonzinho.

Ora, se o presidente Costa e Silva quer merecer a confiança da opinião pública, seu primeiro ato deveria ser suprimir essa lei, que é incompatível com o exercício da opinião. Ela contraria a Constituição e afronta todos os princípios de uma comunidade nacional decente. É odiosa no todo e na minúcia, doentia na concepção e infame na redação.

Depois de mandar, mandar, mandar durante mais de mil dias, o marechal Castelo Branco deixou nesse monstro de lei a prova de que ainda saiu insatisfeito consigo mesmo e raivoso com o povo, pois nesse monstro concentrou todo o delírio de tirania — juntou nele, como numa praga de despedida, todas as más ações que não chegou a praticar.

Nem a Constituição do Estado Novo continha tanta feiura. E o dr. Getúlio Vargas também era bonzinho!

DN 24.3.67

DN - 24.3.67